

90 ANOS ENTRE CONTRADIÇÕES E CONQUISTAS

Por Letícia Zivieri,
Roberta Smolka Adena
e Sara Abdo *

A *Folha de S. Paulo*, considerada o maior jornal do país, completou 90 anos no mês de fevereiro deste ano. Diante das comemorações, diversas questões sobre a trajetória do jornal voltam a ser discutidas como, por exemplo, sua participação durante a ditadura militar e a crise de identidade pela qual parece estar passando.

Para marcar a trajetória, o jornal publicou um caderno especial no qual admite sua atuação durante o regime militar – ainda que sem esclarecer totalmente as razões para o empréstimo de caminhonetes aos agentes de repressão –, além de apontar sua participação em grandes acontecimentos históricos do Brasil e do mundo.

A presidenta Dilma Rousseff esteve presente na festa de comemoração dos 90 anos da *Folha* – fato que foi bastante comentado posteriormente – e, em discurso, afirmou a importância de uma imprensa livre, plural e investigativa; e que comemorar o aniversário deste grande jornal brasileiro é celebrar também a existência da liberdade de imprensa no Brasil. “De Líbero Badaró a Vladimir Herzog, ser um jornalista no Brasil tem sido um ato de coragem. É esta coragem que aplaudo hoje no aniversário da *Folha*”, disse.

A história da *Folha* teve início em 1921, quando foi fundada por Olival Costa e Pedro Cunha, com o nome de *Folha da Noite*. Em 1960, a *Folha da Noite* funde-se com a *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde*, passando a se chamar *Folha de São Paulo*. Dois anos depois, a empresa foi comprada por Carlos Caldeira Filho e Octavio Frias de Oliveira, cuja família detém o controle do jornal até hoje. A partir da década de 1960 o jornal cresce e adquire enorme repercussão. Em 1964, após o golpe militar, tornando-se mais um dos veículos a se autocensurar diante do regime ditatorial. No final da década de 1970, durante o enfraquecimento do regime, o jornal passou a apoiar o processo de redemocratização do país, abrindo espaço para intelectuais discutirem as novas perspectivas políticas no cenário brasileiro.

Papel no jornalismo brasileiro – Em entrevista ao **Contraponto** alguns jornalistas contaram, sob seus pontos de vista, o que a *Folha de S. Paulo* representa para o país atualmente.

Ana Estela de Sousa Pinto, editora de treinamento do jornal lembra que a *Folha* foi o primeiro jornal a profissionalizar a redação, mantendo sua posição crítica e apartidária em relação às notícias. “Foi também o primeiro jornal a investir fortemente em infográficos e a corrigir seus erros publicamente”, relata. Ainda sobre a trajetória do jornal, Ana Estela reconhece o apoio dado ao golpe de 1964, porém refuta a ideia de que o jornal tenha sido conivente com a ditadura militar. “A empresa adotou a autocensura porque considerava que não tinha força para desafiar a repressão”, afirma. Segundo a jornalista, foi uma estra-

No clima de aniversário da *Folha de S. Paulo*, jornalistas expressam suas opiniões sobre a trajetória e o significado do jornal para o Brasil



Dilma Rousseff discursa em evento de 90 anos da *Folha*

pensamento, à transparência, o jornal é extremamente arrogante, não aceita crítica, é muito dono da verdade”. Lino está nas últimas etapas de um processo jurídico que recebeu do próprio jornal pela paródia crítica que fez à *Folha* com a criação do blog “Falha de S. Paulo” (para mais informações acesse www.desculpeanossafalha.com.br). E completa: “Seria bacana, para o jornal, entender que estamos em outro momento e que isso é muito saudável. É legal eles entenderem que tem espaço para todo mundo. Tem espaço para uma empresa de 90 anos, tem espaço pra quem quer tirar sarro de uma empresa de 90 anos. O que for bem feito, for bacana, e relevante vai ter espaço, independente de quem faça”.

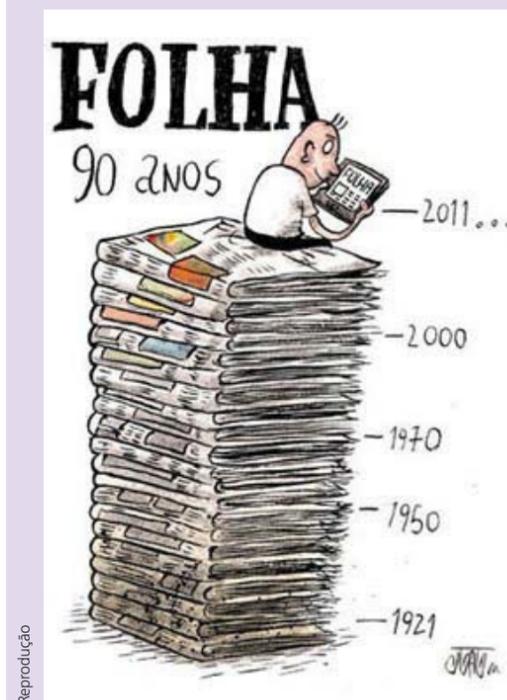
Curiosamente, a *Folha* carrega consigo a imagem de defensora da liberdade de expressão e de um jornalismo democrático. Mas, recentemente, dois jornalistas do grupo *Folha* foram demitidos por postarem no Twitter comentários sobre uma matéria do jornal referente à morte do ex-vice-presidente José de Alencar.

Crise de Identidade – É fato, a sociedade mudou muito nos últimos 90 anos. Ocorreu a 2ª Guerra Mundial, o início e o fim da Guerra Fria, a Guerra do Golfo, atentados, ascensão e queda de ditaduras e ditadores. Cuba tornou-se socialista, o muro de Berlim caiu, o Brasil tornou-se um país de destaque mundial. A Coreia do Sul revolucionou sua educação e a TV e a internet consolidaram-se como mídias que vieram para ficar. Fatos históricos em momentos determinantes foram noticiados. O processo mudou a realidade aos poucos e, para se manter dia após dia, o jornal teve que fazer mudanças. Aconteceu, dessa forma, o que jornalistas chamam de crise de identidade.

Para Clóvis Rossi, colunista e membro do Conselho Editorial da *Folha*, essa crise é enfrentada por todos os jornais impressos no Brasil e no mundo. Para Eliana Cantanhêde “quem mudou foram os atores políticos, não a *Folha*, não nós, seus colunistas. Quando Fernando Henrique Cardoso era presidente, os petistas adoravam a *Folha*, e os tucanos viviam às turras com o jornal. Depois, com Luiz Inácio Lula da Silva, os papéis se invertem.” Todavia, no caderno especial dos 90 anos do jornal, ombudsmans afirmam que o jornal sofreu mudanças boas e ruins, desde reformulação de conceitos até reforma na estética da edição.

Altamiro Borges, por sua vez, afirma que “a crise foi acentuada pela queda de venda. Embora ainda seja o jornal que mais vende, perdeu parte de seu público, tratando-se de um fenômeno mundial, no qual os jornais tentam adaptar-se às mudanças no paradigma da mídia. A popularização da internet agravou essa situação”.

Reprodução



Reprodução

“ELES POSSUEM UM LADO UM POUCO ESQUIZOFRÊNICO QUE NÃO CONSEGUE ACOMPANHAR OS NOVOS TEMPOS DA INTERNET NO TOCANTE AO BOM HUMOR”
(LINO BOCCHINI)

tégia de sobrevivência da empresa.

A *Folha* passou por épocas distintas e noticiou as diversas mudanças e processos da sociedade. Para Eliana Cantanhêde, colunista da *Folha de S. Paulo* e da “*Folha Online*”, “ela [a *Folha*] mantém os princípios do criticismo, do apartidarismo, da independência, seja quem for o governo de plantão”, manutenção essa que garante “o grande papel da imprensa: investigar, informar, pressionar por melhores práticas políticas, econômicas, sociais”.

Já para Lino Bocchini “eles possuem um lado um pouco esquizofrênico que não consegue acompanhar os novos tempos da internet no tocante ao bom humor, ao respeito à pluralidade de

* Colaboração Giulia Longhi